

## “Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue”: Uma análise sobre a construção do *ethos*

“I can give you nothing else but my blood”:

An analysis of the construction of *ethos*

FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**COSTA, VIVIANE**  
vivimaia30@yahoo.com.br

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Gênero textual,  
Carta de suicídio,  
Getúlio Vargas,  
*Ethos*.

**RESUMO:** Em 1954, o Brasil, então governado pelo presidente Getúlio Vargas, passava por uma grande crise política. A cúpula militar e os opositores políticos exigiam a renúncia do presidente. Entretanto, antes de ser deposto, Getúlio Vargas tirou sua própria vida com um tiro no peito. Para o povo brasileiro, deixou uma carta datilografada que foi encontrada junto ao seu corpo. A “carta-testamento”, como ficou conhecida, deixava clara a razão do suicídio e transformou Getúlio Vargas em mártir e herói do povo brasileiro. Entretanto, anos depois da fatídica morte, foi tornada pública uma segunda carta, manuscrita e muito mais concisa do que a primeira. Embora muitos acreditem que esta seja a verdadeira “carta-testamento”, não foram encontrados estudos acerca dessa segunda carta no âmbito da Linguística. Assim, com o objetivo de preencher tal lacuna, este estudo busca analisar as duas cartas e apresentar as diferentes estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelo autor na construção do *ethos*. Como pressupostos teóricos, utilizaremos o quadro de análise de gêneros textuais proposto por Adam (2001) e alguns conceitos de *ethos* propostos por Amossy (2019) e Maingueneau (2007; 2019). Nossa análise comprova o quão importante foi o papel da “carta-testamento” na construção da imagem de Getúlio Vargas. No entanto, também mostra que há algumas diferenças significativas nas estratégias linguístico-discursivas presentes nas duas cartas. Por fim, embora a imagem de mártir esteja presente nas duas missivas, observamos que, na carta manuscrita, o autor constrói a imagem de alguém que deseja apenas ficar esquecido no próprio país e, na carta-testamento, a imagem de herói que não quer ser esquecido pelo povo brasileiro.

### **KEY-WORDS:**

Textual Genre,  
Suicide note,  
Getúlio Vargas,  
*Ethos*.

**ABSTRACT:** In 1954, Brazil, then governed by President Getúlio Vargas, was undergoing a major political crisis. The military leadership and political opponents demanded the president's resignation. However, before being deposed, Getúlio Vargas took his own life by shooting himself in the chest. To the Brazilian people, he left a typewritten letter that was found next to his body. The “testament letter”, as it became known, made clear the reason for the suicide and transformed Getúlio Vargas into a martyr and hero of the Brazilian people. Years after his fateful death, a second letter

was made public, handwritten and much more concise than the first. While many believe that the handwritten letter is the true “testament letter”, no studies of this second letter have been found in linguistics. Thus, to fill such a gap, this work seeks to analyse the two letters and present the different linguistic-discursive strategies used by the author in the construction of *ethos*. As theoretical assumptions, we will use the framework of textual genre analysis proposed by Adam (2001) and some concepts of *ethos* proposed by Amossy (2019) and Maingueneau (2007; 2019). Our study proves how important the “testament letter” was in the construction of Getúlio Vargas’ image. It also shows that there are some significant differences in the linguistic-discursive strategies used by the author in the two letters. The martyr image is present in both letters. However, in the handwritten letter, the author constructs the image of someone who wants to be forgotten in his own country. In contrast, in the testament letter, the author builds the image of a hero who does not wish to be forgotten by the Brazilian people.

## INTRODUÇÃO

Em 1954, o Brasil passava por uma grande crise política que culminou na morte do então presidente Getúlio Vargas.

Em uma breve contextualização, importa dizer que Getúlio Vargas foi o político que mais tempo permaneceu no poder como Presidente da República do Brasil e é sem dúvida uma das mais importantes personagens políticas do Brasil. Em 1930, após um golpe militar conhecido como a “Revolução de 30”, Getúlio Vargas assumiu pela primeira vez a Presidência do Brasil e, em 1937, deu um Golpe de Estado em seu próprio governo com a ajuda dos militares - instaurando um governo ditatorial denominado “Estado Novo” (Skidmore, 1967; Neto, 2013; Schwarcz e Starling, 2015; D’Araujo, 2017). Após quinze anos ininterruptos ocupando a posição de Chefe de Estado, em 1945, Getúlio Vargas foi deposto pelos mesmos militares que o tinham apoiado nos anos anteriores. Porém, como o próprio Getúlio Vargas disse na ocasião, a política assemelha-se em alguns pontos a um jogo de xadrez; contudo, ele não aceitaria permanecer na posição em que seus adversários o tinham colocado (Neto, 2014). Assim, em 1951, ele voltou ao cargo como Presidente eleito através do voto direto livre. No entanto, esse segundo governo revelou-se bastante difícil para Getúlio Vargas. No ano de 1954, em meio a vários escândalos de corrupção no seu governo envolvendo pessoas muito próximas e de sua confiança, Getúlio Vargas admitiu que se sentia em meio a um mar de lama (Skidmore, 1967; Neto, 2014). As pressões para que renunciasse ao cargo eram cada vez mais constantes. A cúpula militar exigia que o presidente renunciasse ou, então, seria deposto do cargo. Entretanto, Getúlio Vargas não tencionava deixar a Presidência do Brasil e tampouco aceitaria ser deposto novamente.

Na manhã do dia 24 de agosto de 1954, recolheu-se em seus aposentos no Palácio do Catete, então sede da Presidência da República do Brasil no Rio de Janeiro, e tirou sua própria vida com um tiro no peito. Ao lado do corpo, sobre a mesa de cabeceira, foi encontrada uma carta datilografada. Dirigida ao povo brasileiro, a carta-testamento, como ficou conhecida, explicava

as razões que o levaram a cometer suicídio. A sua mensagem deixava claro que ele oferecia a sua própria vida em troca da liberdade do povo brasileiro. Em suma, pode-se dizer que a carta-testamento foi o apelo mais nacionalista que fizera em toda a sua vida política (Skidmore, 1967).

Por conseguinte, Getúlio Vargas passou de algoz a mártir e herói do povo brasileiro. Os rumos da política brasileira mudaram e seus opositores, outrora confiantes de que assumiriam o poder, viram-se obrigados a recuar (Skidmore, 1967; Neto, 2014; Schwarcz e Starling, 2015). Por estas razões, a carta-testamento é conhecida até hoje como um dos documentos mais importantes da história política do Brasil. No entanto, anos após a sua fatídica morte, a família revelou ter encontrado entre os pertences do presidente uma segunda carta de despedida, muito mais concisa, manuscrita por Getúlio Vargas em papel timbrado (Dulles, 1964). Essa segunda carta fez aumentar ainda mais as especulações que já existiam acerca da verdadeira autoria da carta-testamento. Não obstante, para fins deste estudo, consideraremos que Getúlio Vargas é o verdadeiro autor da carta-testamento. Afinal, como menciona Skidmore (1967), autêntica ou não, fato é que ela foi aceita imediatamente pelo povo brasileiro como sendo a última mensagem do presidente e isso bastou para mudar os rumos da História do Brasil.

Curiosamente, embora a carta-testamento já tenha sido estudada por diferentes perspectivas tanto na Linguística quanto em outros ramos do saber (e.g.: Psicologia, História, etc.), pouco encontramos na literatura sobre a segunda carta deixada por Getúlio Vargas. Posto isto, neste estudo, buscamos preencher essa lacuna e realizar uma análise discursiva comparativa entre as duas cartas tendo por base um enquadramento teórico-metodológico não aplicado anteriormente à análise dos referidos textos. Nosso objetivo é observar e comparar as várias estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelo autor nas duas missivas para a construção do *ethos*. A fim de realizar um mapeamento linguístico-discursivo dos dois textos, utilizaremos o quadro de análise de gêneros textuais proposto por Jean-Michel Adam (2001). Nesse quadro, o autor propõe a caracterização do gênero textual em oito componentes distintas: composicio-

nal, semântica, enunciativa, pragmática, estilístico-fraseológica, material, peritextual e metatextual. Será, então, com base nessas componentes e também em alguns dos estudos realizados previamente por autores como Amossy (2019) e Maingueneau (2007; 2019), que buscaremos analisar como Getúlio Vargas projeta através dos textos uma imagem de si e, por conseguinte, constrói o *ethos* de mártir e herói do povo brasileiro.

Portanto, este trabalho encontra-se dividido em cinco seções. A seção que segue esta introdução apresentará, de forma sucinta, os pressupostos teóricos acerca da noção de *ethos*. Antes de apresentarmos os resultados de nossa análise, no entanto, será apresentada a metodologia utilizada neste estudo. E, por fim, serão apresentadas algumas considerações finais acerca das duas cartas deixadas por Getúlio Vargas.

## 1. SOBRE IMAGENS DE SI E A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS*

De uma maneira geral, podemos definir *ethos* como uma imagem que o locutor procura construir de si no discurso com o objetivo de influenciar o ‘outro’. Segundo Amossy (2019), o locutor não precisa fazer um autorretrato ou falar explicitamente sobre ele; basta tomar a palavra para que, de forma deliberada ou não, ele apresente uma imagem de si. Por conseguinte, a forma como o locutor diz o enunciado induz a uma imagem que pode facilitar ou não o sucesso daquilo que ele pretende transmitir. Na visão de Amossy (2019), todo o enunciado causa um efeito e isto ninguém pode ignorar sem arcar com as devidas consequências.

Para Maingueneau (2007), o *ethos* consiste em causar uma boa impressão através do discurso, que deve ser construído no sentido de dar uma imagem de si capaz de convencer o alocutário e, por conseguinte, ganhar a sua confiança. Assim, nas palavras de Adam (2008), o *ethos* caracteriza-se pelas imagens que o orador enuncia, insinua e manipula. Maingueneau (2007), retomando Aristóteles, menciona ainda que o locutor pode se valer de três qualidades fundamentais para apresentar uma imagem positiva de si mesmo: “a *phronesis*, ou prudência, a *aretè*, ou virtude, e a *eunoia*, ou benevolência” (p. 13). Seriam essas características fulcrais

para que o sujeito falante conseguisse a confiança do outro e, por conseguinte, convencer o interlocutor acerca da veracidade do que está sendo dito. A questão crucial aqui é perceber que o *ethos*, construído exclusivamente através do discurso, está ligado à enunciação e não a um saber extradiscursivo sobre o enunciador (Maingueneau, 2019, p. 70). Assim, não importa se o que está sendo dito é verdade ou não, mas o dizer em si é que deve transmitir veracidade. No entanto, também não se trata de fazer autoelogios que podem acabar causando um efeito contrário no auditório, mas sim da fluência, da entonação, da escolha das palavras, dos argumentos apresentados, etc. (Ducrot, 1984). Ademais, é preciso construir uma imagem de si que esteja de acordo com as crenças e valores dos seus alocutários (Amossy, 2019).

Desta forma, pode-se observar que há uma relação entre o ‘eu’ e o ‘tu’ que surge na construção do *ethos*. Isso nos remete à ideia, já bastante discutida na literatura, de que todo discurso é argumentativo no sentido de que ele transporta não apenas a visão do seu locutor, mas também busca de alguma maneira agir sobre o outro, seja esse ‘tu’ real ou fictício. Nas palavras de Benveniste (1970, p. 87), “o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo”.

Nesse sentido, Amossy (2019) vai relacionar a construção da imagem de si em sua relação com estereótipos e representações coletivas cristalizadas. A essa noção de estereótipo, estaria ligado o *ethos* prévio ou, como Maingueneau (2019, p. 71) prefere chamar, o “*ethos* pré-discursivo”. Para Maingueneau (2019), o “*ethos* pré-discursivo” corresponde às representações do *ethos* construídas pelo público antes mesmo que o locutor fale; enquanto o “*ethos* discursivo”, como já mencionado anteriormente, está crucialmente relacionado ao ato de enunciação. Já no domínio político, esse cenário é um pouco diferente; quando os locutores estão constantemente na mídia, eles são associados a um *ethos*, no sentido global, que pode ser confirmado ou invalidado a cada enunciação (Maingueneau, 2019).

## 2. METODOLOGIA

Como mencionado na introdução, nosso *corpus* é composto pelas duas cartas de suicídio escritas por Getúlio Vargas, sendo uma delas datilografada, conhecida como carta-testamento, e a outra manuscrita. As versões originais das cartas, utilizadas neste estudo, encontram-se digitalizadas e disponíveis no site da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Importa destacar que há duas versões da carta-testamento disponíveis: uma sem assinatura e outra assinada por Getúlio Vargas. Neste estudo, analisamos a versão da carta-testamento sem assinatura, haja vista que a versão assinada só foi disponibilizada mais recentemente pelo CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação da FGV.

Com relação a questões de confidencialidade, as duas cartas são de domínio público e, por esta razão, serão apresentadas aqui na íntegra. Por conseguinte, vale acrescentar que não foram feitas alterações ou correções nos textos com exceção da translineação de palavras (divisões silábicas) que não foi mantida nos exemplos extraídos das cartas e utilizados na seção de análise dos dados.

Em termos de análise, esta é uma análise de caráter basicamente qualitativo. Conforme referido anteriormente, a análise está dividida de acordo com o quadro de análise dos gêneros textuais proposto por Adam (2001) e, a partir das oito componentes instituídas pelo referido autor, busca-se compreender como o locutor constrói a imagem de si. O Corpógrafo (Sarmiento, Maia e Santos, 2004), software de anotação linguística, foi utilizado neste estudo apenas para listar as palavras com maior número de ocorrências e, por conseguinte, ajudar a identificar o léxico escolhido/utilizado por Getúlio Vargas nas duas cartas.

### 3. ANÁLISE DAS CARTAS

#### 3.1. COMPONENTE COMPOSICIONAL: O PLANO DE TEXTO E AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS

Seguindo a proposta de Jean-Michel Adam (2001) acerca da caracterização do gênero textual, começaremos nossa análise pela componente composicional, que visa caracterizar a estrutura do texto, tanto no que concerne aos planos de texto quanto aos tipos de sequências textuais que ele apresenta.

Para tal, no entanto, importa lembrar a estrutura prototípica do gênero textual *carta pessoal*, uma vez que consideramos, para fins deste estudo, a carta de suicídio como um texto realizado no referido gênero textual. De acordo com Adam (2008), o gênero epistolar, embora seja bastante heterogêneo, pode apresentar, de uma maneira geral, de três a cinco grandes unidades: a abertura ou o contato inicial com o destinatário da carta, a apresentação e o desenvolvimento do objeto de discurso e, por último, o fechamento, a interrupção final do contato ou a conclusão. A abertura, geralmente, é constituída da data e/ou do local em que foi produzida a carta, de um vocativo que faz referência direta a quem o conteúdo se destina e de uma saudação. Já o fechamento pode ser constituído por um fecho (e.g.: uma despedida) e pela assinatura do locutor.

Posto isto, observa-se que, na abertura das duas cartas analisadas, não há um vocativo ou uma referência direta aos seus destinatários e tampouco informações sobre o local e a data em que foram produzidas. Nota-se, entretanto, nas duas cartas, que o primeiro parágrafo é constituído de uma única frase e que ambos exercem a função de abertura ou exórdio, uma vez que dão pistas acerca do conteúdo das cartas como pode ser observado nos exemplos (01) e (02). Quanto ao fechamento dos textos, como mencionado anteriormente, apenas a carta manuscrita apresenta a assinatura do autor no fechamento. Ademais, observa-se que o último parágrafo

da carta manuscrita (03), também composto por uma única frase, exerce uma função de conclusão ou fecho assim como a última frase da carta-testamento (04).

(01) Mais uma vez, as forças que os interesses contra o povo coordenaram novamente, se desencadeam sôbre mim. [Carta-testamento]

(02) Deixo à sanha dos meus inimigos o legado da minha morte. [Carta manuscrita]

(03) A resposta do povo virá mais tarde... [Carta manuscrita]

(04) Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na Historia. [Carta-testamento]

Contudo, apesar de as informações acerca do local e da data de produção dos textos não estarem presentes nos mesmos, é possível recuperar essas informações a partir do contexto sócio-histórico em que as cartas foram produzidas e que é fundamental para a interpretação/compreensão das missivas. É verdade que não se pode afirmar que as cartas foram produzidas no mesmo dia e local em que o autor cometeu o suicídio, mas é possível ter uma noção da época e do cenário político em que as mesmas foram produzidas a partir da morte do autor.

Quanto ao destinatário, ainda que ele não esteja explicitado no início da carta-testamento, conseguimos identificar que o texto é dirigido ao povo brasileiro.

(05) [...], renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. [Carta-testamento - grifos nossos]

Observamos que no trecho acima há uma referência explícita ao povo brasileiro, que é retomado em seguida pelo uso dos pronomes pessoais ‘vos’ e ‘convosco’. Na carta manuscrita, no entanto, o locutor não faz referências diretas ao seu destinatário e tampouco fica implícito que o povo brasileiro seja o seu alocutário (06) (07).

(06) Levo o pesar de não haver podido fazer, por este bom e generoso povo brasileiro e principalmente pelos mais necessitados, todo o bem que pretendia. [Carta manuscrita - grifos nossos]

(07) A resposta do povo virá mais tarde.... [Carta manuscrita - grifos nossos]

No exemplo (06), observamos o uso do pronome demonstrativo ‘este’ que nos fornece uma ideia de proximidade entre o locutor e o povo. Esse pronome poderia ser interpretado como marca da presença do destinatário. No entanto, a última frase da carta manuscrita (07) remete-nos a uma ideia oposta. Ao dizer que “a resposta do povo virá”, temos a percepção de que o locutor se dirige a um ‘tu’ que não é propriamente o povo brasileiro.

No que se refere às sequências tipológicas, pode-se afirmar que as sequências argumentativas são predominantes nas duas cartas. Notamos que o locutor busca justificar por qual razão prefere cometer suicídio ao invés de renunciar ao cargo de Presidente da República.

(08) Se a simples renuncia ao posto a que fui elevado pelo sufragio do povo me permitisse viver esquecido e tranquilo no chão da Patria, de bom grado renunciaria. Mas tal renuncia daria apenas ensejo para com mais furia, perseguirem-me e humilharem. [Carta manuscrita- grifos nossos]

No exemplo acima, verificamos que o locutor afirma que renunciaria, caso pudesse ficar tranquilo em seu país, entretanto ele acredita que isso não aconteceria. Segundo o locutor, a sua renúncia “apenas” faria com que fosse perseguido e humilhado com mais força. Nota-se

que o advérbio ‘apenas’ tem aqui uma função de excluir outras possibilidades; enquanto o uso do “conector contra-argumentativo” (Adam, 2008, p. 191) ‘mas’ mostra que há uma contraposição forte de ideias entre o que o locutor deseja (“viver esquecido e tranquilo”) e aquilo que ele acredita que aconteceria se ele renunciasse (“para com mais fúria, perseguirem-me e humilharem”).

É de notar que, nas duas cartas, o autor procura deixar claro que não aguenta mais sofrer por conta de “poderosos interesses” (09) ou das “aves de rapina” (10) e, ao mesmo tempo, não deseja ver o povo sofrendo, principalmente os “pobres e humildes” que, segundo ele, estão sendo impiedosamente explorados (09). Logo, pode-se inferir que, na visão do autor, a sua morte é a melhor solução tanto para ele quanto para o povo brasileiro.

(09) Velho e cansado preferi ir prestar contas ao Senhor, não de crimes que não cometi, mas de poderosos interesses que contrariei, ora porque se opunham aos próprios interesses nacionais, ora porque exploravam, impiedosamente, aos pobres e aos humildes. [Carta manuscrita - grifos nossos]

(10) Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. [Carta-testamento - grifos nossos]

No exemplo (09), extraído da carta manuscrita, observa-se que o locutor diz que está “velho e cansado” e, por esta razão, prefere a morte representada na carta pelo enunciado “ir prestar contas ao Senhor”. Entretanto, podemos inferir que o adjetivo “cansado” não está diretamente relacionado ao fato de o locutor já estar “velho”, mas sim ao fato de estar cansado das perseguições e humilhações que sofre constantemente por conta de “crimes” que ele diz não ter cometido. Já na carta-testamento, no exemplo (10), o locutor deixa claro que o seu suicídio é, na verdade, um sacrifício que ele faz em nome do povo brasileiro. Há aqui novamente uma proposição “se...então”. Semelhante ao exemplo (08), o locutor explicita que, se querem continuar a sugar o sangue do povo brasileiro, então, ele oferece o seu próprio sangue, a sua vida (10).

Ademais, na carta-testamento, nota-se o uso recorrente de paralelismos estruturais como um mecanismo retórico-argumentativo de reforço, ou seja, reforçar/salientar a ideia que pretende transmitir. São exemplos os seguintes enunciados:

(11) Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. [Carta-testamento – grifos nossos]

(12) Tenho lutado mes a mes, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma agressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. [Carta-testamento – grifos nossos]

(13) Quando vos humilharem sentireis minha alma sofrendo a vosso lado. Quando a fome bater a vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vos e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação. [Carta-testamento – grifos nossos]

Outro mecanismo retórico-argumentativo observado é a presença de antíteses (14) (15), que visam confrontar as ideias e os sentimentos do locutor em relação aos seus “inimigos” ou opositores. Na carta-testamento (14), o locutor indica que a sua morte não é uma derrota como alguns “pensam”, mas antes uma “vitória”. Outrossim, o fato de ele deixar de ser “escravo do povo” também constitui uma vitória para o locutor. Nota-se ainda o uso do eufemismo “me liberto para a vida eterna” para representar o ato de suicídio e, implicitamente, dizer que a sua morte é, na verdade, a sua libertação.

(14) E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. [Carta-testamento - grifos nossos]

(15) Vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. [Carta-testamento - grifos nossos]

Retomando a ideia, apresentada na seção 2, sobre as três qualidades fundamentais para construir uma imagem positiva de si e persuadir o ‘outro’, percebemos que o locutor relaciona o ato de cometer suicídio a uma ideia de *aretè*, ou virtude, e *eunoia*, ou benevolência, como pode ser observado nos exemplos (16), (17), (18), (19) e (20). Importa dizer que, nos primórdios do Cristianismo, havia uma exaltação dos mártires suicidas, cujas mortes eram vistas como autoimolações; isto é, um sacrifício em prol de algo maior como, por exemplo, o caso de Santa Apolônia, que se jogou ao fogo face à iminência de uma desonra (Saraiva e Santos, 2017). Apenas a partir do século IV, com Santo Agostinho, é que o Cristianismo passa a condenar veemente o suicídio (Saraiva e Santos, 2017).

Assim sendo, pode-se dizer que o locutor procura associar a sua imagem à dos mártires suicidas. Tanto na carta-testamento (18) quanto na carta manuscrita (20), fica clara a ideia de autoimolação para justificar o ato, ou seja, a ideia de que o seu suicídio é um sacrifício feito em prol da libertação do povo brasileiro.

(16) Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciencia e manterá a vibração sagrada para a resistencia. [Carta manuscrita- grifos nossos]

(17) Ao ódio respondo com o perdão. [Carta-testamento - grifos nossos]

(18) Meu sacrificio ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. [Carta-testamento - grifos nossos]

(19) Deixo á sanha dos meus inimigos o legado da minha morte. [Carta manuscrita - grifos nossos]

(20) Só Deus sabe das minhas amarguras e sofrimentos. Que o sangue dum inocente sirva para aplacar a ira dos fariseus. [Carta manuscrita - grifos nossos]

Também foram observadas na carta-testamento sequências textuais narrativas em que o locutor apresenta um conjunto de acontecimentos relacionados ao seu governo no sentido de valorizar o seu trabalho e desacreditar o ‘outro’ (seus adversários políticos). Nessas sequências, nota-se algumas das características prototípicas do texto narrativo, tais como: marcador discursivo temporal (e.g.: “depois” em (21)), advérbio de lugar (e.g.: “dentro” em (22)), verbos de ação (e.g.: “inicie” e “assumi” em (21) e (22)) e verbos no pretérito perfeito do indicativo (e.g.: “fiz-me” e “instaurei” em (21)).

(21) Depois de decenios de dominio e espoliação dos grupos economicos e finaceiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Inicie o trabalho de libertação e instaurei um regime de liberdade social. [Carta-testamento - grifos nossos]

(22) Assumi o governo dentro da espiral inflacionária, que destruía os valores de trabalho. [Carta-testamento - grifos nossos]

(23) Nas declarações de valores do que importavamos existiam fraudes constatadas de mais de cem milhões de dólares por ano. [Carta-testamento - grifos nossos]

Nota-se que essas sequências servem de base ou apoio (Adam, 2008) para os argumentos que são apresentados em seguida pelo locutor. O movimento argumentativo parte, assim, de fatos ou dados (23) apresentados pelo autor. Ao mesmo tempo, observa-se que a estratégia argumentativa adotada visa a uma transformação dos conhecimentos do seu auditório, como detalharemos mais adiante.

### 3.2. COMPONENTE SEMÂNTICA: AS BASES TEMÁTICAS

No que se refere à componente semântica, tendo em conta que estão sendo analisadas duas cartas de suicídio, podemos afirmar que, de uma maneira geral, os eixos semânticos giram em torno dos temas vida e morte. Conseguimos ver materializados esses temas de forma explícita (25) ou através de eufemismos (24) e (26) em alguns enunciados.

(24) Velho e cansado preferi ir prestar contas ao Senhor [...]. [Carta manuscrita - grifos nossos]

(25) Vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. [Carta-testamento - grifos nossos]

(26) Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na Historia. [Carta-testamento - grifos nossos]

Entretanto, o tema religioso pode ser considerado o principal tema dos dois textos. É de notar a intertextualidade com textos bíblicos e uma isotopia em volta desse mesmo tema (e.g.: “fariseus”, “eternidade”, “perdão”, “vida eterna”, etc.) que conferem uma unidade semântica às cartas. Apesar de haver referências concretas a Deus (20) e ao “Senhor” (09) apenas na carta manuscrita, se observam claras alusões a trechos bíblicos e à “Paixão de Cristo”, principalmente na carta-testamento. À semelhança de Jesus Cristo, Getúlio Vargas coloca-se como perseguido e humilhado (08), insultado (11), injustiçado (09) (11) (20), traído (44), tudo suportando em silêncio (12), mas, no fim, perdoa a todos (17) através da sua morte redentora (18) (45). Ao mesmo tempo, Getúlio Vargas refere-se aos seus adversários políticos ou “inimigos” como “fariseus”. Nota-se que este termo aparece na Bíblia em referência a pessoas que Cristo condena e chama de hipócritas: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! [...] Assim são vocês: por fora parecem justos ao povo, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e maldade.” (Mateus 23, pp. 27-28<sup>1</sup>).

1. [https://www.bibliaon.com/mateus\\_23/](https://www.bibliaon.com/mateus_23/).

Por fim, quanto à conformidade com a realidade objetiva, pode-se afirmar que as cartas de suicídio de Getúlio Vargas estão baseadas em acontecimentos reais que são retratados pelo locutor como justificativa para o ato de suicídio que ele concretiza. Ou seja, os dois textos analisados são não-ficcionais.

### 3.3. COMPONENTE PRAGMÁTICA: AS INTENÇÕES COMUNICATIVAS

Na componente pragmática, concentram-se os objetivos ilocutórios que o interlocutor busca alcançar no momento da produção do texto. Primeiramente, podemos dizer que as duas cartas analisadas têm uma natureza argumentativa, deliberativa e decisória, uma vez que elas apresentam os motivos que levaram o locutor a tomar uma decisão trágica como a de tirar a própria vida (09) (10) e, ao mesmo tempo, implicam em ações futuras (13) (16) (18) e declaram o fim do ciclo de vida do autor (25) (26). Além disso, nas seções anteriores, chamamos a atenção para o fato de o locutor procurar construir uma imagem de mártir e de herói do povo brasileiro e, dessa forma, persuadir o seu leitor, que é caracterizado como cristão, a aceitar o seu suicídio como um ato de benevolência e como um sacrifício em seu nome. Ademais, na carta-testamento, o locutor procura associar a sua imagem a realizações feitas durante o seu governo como o regime de garantia de trabalho, que pode ser relacionado à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) publicada em seu governo, a Petrobras, a tentativa de criar uma empresa para o setor elétrico – a Eletrobras, etc. Todos esses exemplos que o locutor traz para o discurso são, na verdade, uma tentativa de dar credibilidade ao seu papel de presidente da República e, ao mesmo tempo, conseguir a confiança do seu auditório. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que o locutor procura construir um “*ethos* discursivo” capaz de se sobrepor a um “*ethos* pré-discursivo” negativo que, porventura, o seu auditório tenha.

No que se refere aos atos ilocutórios concretizados nos textos, nota-se a presença predominante de atos assertivos nas duas cartas, mas também são encontrados atos expressivos, compromissivos e diretivos. São exemplos de atos assertivos, enunciados como (04), (08), (11), (19) e (21). Quanto aos atos expressivos, podemos vê-los materializados nos seguintes enunciados:

(27) Levo o pesar de (...). [Carta manuscrita - grifos nossos]

(28) Agradeço aos que de perto ou de longe, trouxeram me o conforto de sua amizade.  
[Carta manuscrita - grifos nossos]

(29) Nada receio. [Carta-testamento - grifos nossos]

Já com relação aos atos compromissivos, observa-se que o locutor assegura em um tom de promessa que, mesmo depois de morto, estará presente ao lado do povo quando este for humilhado, estiver com fome ou for vilipendiado (13). Além disso, o locutor ainda assegura que estará presente na consciência do povo brasileiro (16) e o sacrifício feito por ele, ou seja, o seu suicídio estará para sempre na alma dos brasileiros (18). Em contrapartida, através de atos ilocutórios diretivos, o locutor espera que o povo resista (16) e, no final da carta manuscrita, avisa que o povo ainda dará uma resposta aos “fariseus” (30) e que ele espera que a sua morte seja suficiente para “apaciar a ira” dos seus inimigos (31).

(30) A resposta do povo virá mais tarde... [Carta manuscrita]

(31) Que o sangue dum inocente sirva para apaciar a ira dos fariseus. [Carta manuscrita]

### 3.4. COMPONENTE ESTILÍSTICO-FRASEOLÓGICA: TEXTURA MICRO LINGUÍSTICA

No que diz respeito a questões estilístico-fraseológicas, começaremos a analisar o léxico escolhido pelo locutor. Como vimos na componente semântica, por se tratar de uma carta de suicídio, os temas ‘vida’ e ‘morte’ estão fortemente marcados no discurso. Entretanto, com a ajuda do Corpógrafo, notamos que há também uma polarização forte entre os eixos do ‘bem’ e do ‘mal’. Esses resultados, que são apresentados na tabela 1, corroboram com o que já discutimos em outras componentes.

<b>Corpus: Carta_testamento (613 átomos)</b>				<b>Corpus: Carta_manuscrita (265 átomos)</b>			
	<b>Palavras lexicais</b>	<b># oc.</b>	<b>freq. %</b>		<b>Palavras lexicais</b>	<b># oc.</b>	<b>freq. %</b>
1	povo	9	1.468	1	povo	3	1.132
2	querem	4	0.652	2	bom	2	0.754
3	sangue	4	0.652	3	inimigos	2	0.754
4	será	4	0.652	4	interesses	2	0.754
5	vida	4	0.652	5	poderosos	2	0.754
6	defender	3	0.489	6	renúncia	2	0.754
7	escravo	3	0.489	7	amarguras	1	0.377
8	espoliação	3	0.489	8	ambiente	1	0.377
9	foi	3	0.489	9	amigos	1	0.377
10	grupos	3	0.489	10	amizade	1	0.377

Tabela 1 - Resultados da análise do corpus feita no Corpógrafo

Podemos observar na tabela acima que a carta-testamento mostra uma contraposição entre os eixos do ‘bem’, representado pelo povo, e do ‘mal’, representado pelos chamados “grupos”, ou melhor, os opositores e inimigos de Getúlio Vargas (21). Ao mesmo tempo, há uma contraposição entre os conceitos de ‘morte’, que é referenciado algumas vezes através das metáforas “sangue”, e de “vida”.

(32) Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.  
 [Carta-testamento - grifos nossos]

(33) Quando vos humilharem, (..). Quando a fome bater à vossa porta, (...). Quando vos vilipendiarem, (...). [Carta-testamento - grifos nossos]

Já o povo é representado por um léxico que o coloca como vítima, pessoas trabalhadoras (32), que são humilhadas e vilipendiadas (33). Ou seja, em suma, os grupos representam o ‘mal’, os malfeitores, e o povo representa o ‘bem’. Essa contraposição também acontece na sua relação com o locutor, que faz parte do eixo do ‘bem’. Em outras palavras, pode-se dizer que locutor e alocutário, pelo menos na carta-testamento, são colocados no mesmo plano semântico.

Com relação à carta manuscrita, a tabela 1 permite-nos observar o uso de um léxico diferente para representar os eixos do ‘bem’ e do ‘mal’. Do lado do ‘bem’, além do próprio Getúlio Vargas, podemos dizer que estão o povo e alguns amigos do locutor (35). Do outro lado, encontram-se os inimigos, os poderosos (36) e, também, alguns amigos que não ajudaram o locutor quando podiam (34).

(34) Acrescente-se a fraqueza de amigos que não me defenderam nas posições que ocupavam, (...). [Carta manuscrita - grifos nossos]

(35) Levo o pesar de não haver podido fazer, por este bom e generoso povo brasileiro e principalmente pelos mais necessitados, todo o bem que pretendia. [Carta manuscrita - grifos nossos]

(36) Tornei-me perigoso aos poderosos do dia e às castas privilegiadas. [Carta manuscrita - grifos nossos]

Também vale destacar que o autor faz uso de um léxico muitas vezes pejorativo, especialmente na carta-testamento, e que, como já mencionado, nos remete a contextos religiosos, tais como: “sanha”, “fariseus”, “sicários”, “hipócritas”, “torpe”, “sacrifício”, “sagrada”, “sufrágio”, “imortal”, “eternidade”, “infâmias”, “calúnias” e “ódio”.

Entretanto, por outro lado, é curioso notar que o locutor não utiliza a palavra “suicídio”. Getúlio Vargas prefere utilizar o termo ‘morte’, que tanto pode referir-se a assassinato quanto a suicídio, e a outras construções que suavizam o ato como, por exemplo, “preferi ir prestar contas ao Senhor”, “saio da vida” e “dou o primeiro passo a caminho da eternidade”. Por conseguinte, o locutor faz uso de muitos recursos estilísticos, tais como: antítese (37), eufemismo (38), enumeração (39), gradação (40), anáfora (41) e metáfora (42).

(37) E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. [Carta-testamento - grifos nossos]

(38) Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na Historia. [Carta-testamento - grifos nossos]

(39) A mentira, a calúnia, as mais torpes invencionices foram geradas (...). [Carta manuscrita - grifos nossos]

(40) Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, (...). [Carta-testamento - grifos nossos]

(41) Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. [Carta-testamento]

(42) Que o sangue dum inocente sirva para aplacar a ira dos fariseus. [Carta manuscrita - grifos nossos]

### 3.5. COMPONENTE ENUNCIATIVA: *ETHOS*

Com relação ao *ethos*, o locutor procura construir nas duas cartas imagens de si que correspondem às de mártir e de herói do povo brasileiro. Em paralelo, observamos que o locutor busca construir uma imagem de ‘vítima’ para si mesmo (43) (44). Por um lado, a imagem de

vítima corrobora com a ideia de mártir; entretanto, por outro lado, ela contrapõe-se às ideias de autoridade e força relacionadas ao papel social de presidente da República do locutor e, principalmente, à ideia do homem que deu um golpe de estado em seu próprio governo e, por conseguinte, instaurou um governo ditatorial. Deste modo, pode-se dizer que o locutor procura construir um *ethos* discursivo nas suas últimas missivas que possa se sobrepor ao *ethos* prévio de ditador e/ou malfeitor.

(43) Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, [...]. [Carta-testamento - grifos nossos]

(44) Acrescente-se a fraqueza de amigos que não me defenderam nas posições que ocupavam, a felonia de hipócritas e traidores a quem beneficiei com honras e mercês e a insensibilidade moral de sicários que entreguei a justiça, contribuindo todos para criar um falso ambiente na opinião pública do país, contra a minha pessoa. [Carta manuscrita - grifos nossos]

Observa-se ainda, subjacente à superfície textual, que o locutor procura convencer o locutário (o povo brasileiro) de que ambos são vítimas, uma vez que ele se diz “escravo do povo” que, por sua vez, também é escravo (45). Seguindo essa imagem de ‘vítima’, o locutor procura construir nas duas cartas um *ethos* de mártir que sofre, luta e sacrifica a própria vida pelo povo brasileiro (42) e (47), e, por conseguinte, um *ethos* de herói ao se colocar “nos braços do povo” (46) e, ao mesmo tempo, libertador desse povo que “não mais será escravo de ninguém” (45).

(45) Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo, não mais será escravo de ninguém. [Carta-testamento - grifos nossos]

(46) Tive que renunciar. Voltei ao govêrno nos braços do povo. [Carta-testamento - grifos nossos]

(47) Só Deus sabe das minhas amarguras e sofrimentos. [Carta manuscrita - grifos nos-  
sos]

Além disso, como já referido anteriormente, o autor estabelece uma polarização entre o bem e o mal nas duas cartas que reforça as imagens de mártir e herói. Do lado do bem, obviamente, estão o locutor e o povo brasileiro e, do lado do mal, encontram-se aqueles que o condenam, os seus opositores ou, nas palavras do locutor, “as aves de rapina” que querem “sugar” o povo brasileiro (10). Na carta manuscrita, o locutor ainda menciona alguns amigos que o traíram e não o ajudaram quando podiam – estes estariam do lado do mal. Também vale destacar que, sem fazer autoelogios de forma direta, o locutor se coloca como uma pessoa que tem virtudes e é benevolente. Na carta manuscrita, o locutor lamenta o fato de não o terem deixado fazer todo o bem que pretendia fazer pelo povo brasileiro (06). Já na carta-testamento, o locutor afirma que o impediram de continuar a ajudar como sempre ajudou o povo brasileiro (48) e que tentou defender o preço do maior produto nacional, o café, e também potencializar as riquezas do país com a criação da Petrobras (49). Desta forma, em ambas as cartas, o locutor coloca no ‘outro’ a responsabilidade de alguma coisa que ele tenha deixado de fazer em benefício do povo enquanto ocupou o posto de presidente da República. Além disso, como estratégia de persuasão, Getúlio Vargas procura enaltecer algumas das ações que o seu governo fez ou tentou fazer, visando mostrar, na verdade, as suas próprias virtudes. Vale dizer que, que o sujeito ‘nós’, como forma de caracterizar o governo como um todo, aparece uma única vez na carta-testamento (49). Ou seja, pode-se dizer que há um ‘eu’ que ora é coletivo - o governo, ora é individual – o próprio Getúlio Vargas.

(48) Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. [Carta-testamento]

(49) Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sôbre a nossa economia a ponto de sermos obrigados a ceder. [Carta-testamento – grifos nossos]

(50) O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. [Carta-testamento]

Por conseguinte, o locutor procura convencer o seu auditório acerca dos seus argumentos e da honradez do seu último gesto; isto é, do ato de cometer suicídio. Nesse ponto, a intertextualidade com a Bíblia é fulcral, pois serve não somente para credibilizar o locutor, mas também persuadir o ‘outro’ – os brasileiros ainda hoje são majoritariamente cristãos. Assim, pode-se dizer que o locutor procurou construir um discurso coerente com as crenças e os valores do seu auditório e construiu um *ethos* de mártir semelhante à imagem de Jesus Cristo. Como este, Getúlio Vargas foi humilhado, perseguido e traído, mas ainda assim ofereceu a sua própria vida como forma de libertar o povo e aplacar a “ira dos fariseus”. Por fim, na carta-testamento, o autor afirma que sairá da vida para a eternidade, para a vida eterna, que, de acordo com os preceitos do Cristianismo, é o lugar para onde vão os justos e os que creem e cumprem a palavra de Deus. Ou seja, mais uma vez, o locutor coloca-se do lado do bem e da justiça.

Entretanto, embora nas duas cartas haja a construção das imagens de mártir e herói, há algumas diferenças significativas na construção da imagem do locutor no momento da produção das cartas. Na carta manuscrita, o locutor se apresenta como “velho e cansado” (24) e afirma que gostaria de ficar “esquecido” no “chão da Pátria” (08). Por outro lado, na carta-testamento, ele afirma que o seu ânimo não foi abatido (50) e que entrará para a história (04) e permanecerá vivo na consciência dos brasileiros mesmo após a sua morte (13) (16). Em outras palavras, temos a contraposição das ideias de “velho e cansado” com a ideia de alguém que não se abateu apesar de ter sofrido perseguições e humilhações. Por outro lado, temos a contradição entre desejar ficar esquecido, como fica claro na carta manuscrita (08), e onipresente, isto é, presente na consciência do povo como o autor sugere na carta-testamento (13) (16).

Por fim, vale destacar os eufemismos escolhidos pelo locutor para mitigar o ato de suicídio. Na carta manuscrita, o locutor diz que “preferi ir prestar contas ao Senhor”, embora não tenha cometido nenhum crime. Já na carta-testamento, o locutor afirma que, de maneira serena, dá “o primeiro passo no caminho da eternidade”. A partir desses enunciados, poderíamos inferir que, em uma carta, o locutor coloca-se como uma pessoa mais submissa que irá explicar os seus atos “ao Senhor” e, na outra carta, como alguém mais confiante acerca dos seus atos, que sai da vida de forma serena, ou seja, com a consciência tranquila.

### **3.6. COMPONENTES MATERIAL, PERITEXTUAL E METATEXTUAL: SUPORTE, FRONTEIRAS E AUTOREFERÊNCIA**

No que se refere à componente material, as duas cartas tiveram o papel como suporte, uma vez que na época em que foram escritas ainda não existiam computadores, telefones portáteis e todas essas outras tecnologias que nos rodeiam atualmente. Desta forma, a carta-testamento foi datilografada e a segunda carta foi escrita à mão e assinada pelo então presidente Getúlio Vargas.

Quanto à componente peritextual, de acordo com o que foi divulgado na época, as cartas não apresentavam envelopes, capas ou anexos.

Por fim, com relação à componente metatextual, não foram observadas autorreferências explícitas e/ou rótulos que pudessem representar a carta de suicídio como tal. Entretanto, como já mencionado, a primeira frase (02) da carta manuscrita fornece pistas ao leitor sobre o conteúdo da mesma.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivo mostrar as diferentes estratégias linguístico-discursivas utilizadas por Getúlio Vargas para a construção do *ethos* nas duas cartas deixadas por ele antes de sua morte.

Conforme procuramos apresentar ao longo de nossa análise, o locutor buscou construir um *ethos* de mártir que sofre, luta e sacrifica a própria vida pelo povo brasileiro e, ao mesmo tempo, um *ethos* de herói que, através da sua morte, liberta esse mesmo povo. Desta forma, Getúlio Vargas conseguiu transformar o seu suicídio em um ato heroico. Sabe-se que o suicídio, embora não tenha sido sempre assim, é considerado um ato de covardia pela *doxa* e um ato condenável pelos cristãos na atualidade. Por esta razão, acredita-se que o locutor procurou construir a imagem de si à semelhança da imagem de Jesus Cristo apresentada na Bíblia. A morte de Getúlio Vargas é caracterizada por ele como um ato redentor que visa aplacar a ira dos seus inimigos e opositores políticos e, conseqüentemente, libertar o povo brasileiro.

A intertextualidade com textos bíblicos mostrou-se fulcral para a construção do *ethos* de mártir e herói do povo brasileiro, haja vista que os alocutários das duas cartas – os brasileiros – são majoritariamente cristãos. Ademais, a isotopia em torno do tema religioso ajudou a construir uma polarização entre o bem e o mal. Do lado do bem, encontram-se o locutor e o povo e, do lado do mal, encontram-se os “sicários”, as “aves de rapina”, enfim, aqueles que perseguem o locutor e os brasileiros.

Desta forma, pode-se dizer que o locutor conseguiu se colocar no mesmo plano semântico que o povo e, por conseguinte, estabelecer uma relação entre o ‘eu’ e o ‘tu’ bem-sucedida. Tendo em conta os efeitos que a carta-testamento causou na sociedade brasileira da época, concluímos que o locutor conseguiu agir sobre o ‘tu’ (coletivo) e transportar para ele a sua visão. O povo brasileiro, em resposta à carta-testamento e ao ato de suicídio, revoltou-se contra os opositores de Getúlio Vargas e fez deste seu herói. Retomando as palavras de Amossy (2019) acerca dos efeitos causados por todo enunciado que se produz, pode-se inferir que a mensagem contida na carta-testamento causou o efeito esperado pelo locutor, entretanto os seus opositores políticos é que tiveram de arcar com as conseqüências da missiva. Afinal, o locutor já estava morto quando a mesma foi lida ao público. Assim, contrariando todas as previsões da época, Getúlio Vargas conseguiu reverter o cenário político a seu favor e a sua missiva final

foi o xeque-mate que ninguém esperava. A carta-testamento representa a vitória de Getúlio Vargas e o seu legado para a história política do Brasil.

Por fim, importa dizer que as duas cartas apresentam algumas diferenças significativas tanto no âmbito do discurso quanto no que se refere à representação do locutor no momento da produção das mesmas. A carta-testamento, que foi divulgada à sociedade logo após a morte de Getúlio Vargas, tem um caráter muito mais persuasivo e apresenta um léxico mais pejorativo, que é utilizado para fazer referência aos opositores políticos do então presidente da República. Ademais, o locutor afirma que não se deixou abater pelos ódios, infâmias e calúnias. Já na carta manuscrita, Getúlio Vargas coloca-se como “velho e cansado” e, ao mesmo tempo, diz que gostaria de ficar “esquecido” em seu país em uma alusão a um possível exílio político. Essa imagem mais frágil contrapõe-se, de forma muito explícita, à tão famosa frase da carta-testamento em que Getúlio diz: “Serenamente dou o primeiro passo a caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.”. Com isso, algumas perguntas pairam no ar. Afinal, Getúlio Vargas estava se sentindo fraco por conta das humilhações e perseguições que sofria ou estava tranquilo e tinha ainda o ânimo forte? Queria ele ser esquecido ou entrar para a história? A essas perguntas, infelizmente, este trabalho não conseguiu responder e quiçá, nos atreveríamos a dizer, que talvez seja mesmo impossível encontrar respostas para elas.

## REFERÊNCIAS

- Adam, J.-M. (2001). En finir avec les types de textes. In M. Ballabriga (Ed.), *Analyse des discours. Types et genres: Communication et interprétation* (pp. 25-43). Toulouse: EUS.
- Adam, J.-M. (2008). *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. (M. S. Rodrigues, L. Passeggi, J. G. Silva Neto, & E. V. Leurquin, Trans.) São Paulo: Cortez.
- Amossy, R. (2019). Introdução: Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In R. Amossy (Ed.), *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. (D. F. Cruz, F. Komesu, & S. Possenti, Trans., 2 ed., pp. 9-28). São Paulo: Contexto.
- Benveniste, E. (1970, 1989). O aparelho formal da enunciação. In E. Benveniste, E. Guimarães, & et al. (Eds.), *Problemas de Linguística Geral II* (Vol. 5). Campinas: Pontes.
- D’Araujo, M. (2017). *Getúlio Vargas*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara.
- Ducrot, O. (1984). *Le dire et le dit*. Paris: Minuit.
- Dulles, J. W. (1964). Farewell Messages of Getulio Vargas. *The Hispanic American Historical Review*, 44(4), 551–553. Acesso em 31 de Março de 2020, disponível em [www.jstor.org/stable/2511711](http://www.jstor.org/stable/2511711)
- Maingueneau, D. (2007). A propósito do ethos. In A. Motta, & L. Salgado (Eds.), *Ethos discursivo* (2 ed., pp. 11-30). São Paulo: Contexto.
- Maingueneau, D. (2019). Ethos, cenografia, incorporação. In R. Amossy (Ed.), *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (D. F. Cruz, F. Komesu, & S. Possenti, Trans., pp. 69 - 92). São Paulo: Contexto.
- Neto, L. (2013). *Getúlio 1930-1945: Do Governo Provisorio Ao Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Neto, L. (2014). *Getúlio 1945-1954: De volta pela consagração popular ao suicídio* (1 ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Saraiva, C. B., & Santos, J. C. (2017). Suicídio e tentativa de suicídio em Psiquiatria Forense. In F. Vieira, A. Cabral, & C. B. Saraiva, *Manual de Psiquiatria Forense*. Lisboa: Pactor.
- Sarmento, L., Maia, B., & Santos, D. (2004). The Corpógrafo - a Web-based environment for corpora research. In M. Lino, M. Xavier, F. Ferreira, R. Costa, & R. Silva (Ed.), *Proceedings of the 4<sup>th</sup> International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC’2004)* (pp. 449-452). Lisboa: ELRA.

COSTA, VIVIANE; “Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue”: Uma análise sobre a construção do ethos /  
“I can give you nothing else but my blood”: An analysis of the construction of ethos  
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 10 ANO 2021, PP. 67-98

Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2015). *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.

Skidmore, T. E. (1967, 2010). *Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)*. (B. Vargas, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.

## ANEXO I: CARTA-TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS

Mais uma vez, as forças que os interesses contra o povo coordenaram novamente, se desencadeiam sobre mim.

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei um regime de liberdade social. Tive que renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se a dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os odios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras, e mal começa esta a funcionar a onda de agitação se avoluma. A Eletrobras foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

Assumi o governo dentro da espiral inflacionária, que destruía os valores de trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de cem milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma agressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre com-vosco. Quando vos humilharem sentireis minha alma sofrendo a vossa lado. Quando a fome bater a vossa

porta, sentireis em vos-so peito a energia para a luta por vos e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação. Meu sacrifício nos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta.

Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciencia e manterá a vibração sagrada para a resistencia. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrota-ram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo , não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei com-tra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infamias, a calunia, não abateram meu animo. Vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na Historia.

**ANEXO II: CARTA MANUSCRITA DE GETÚLIO VARGAS**

eixo á sanha dos meus inimigos o legado da minha morte.

Levo o pesar de não haver podido fazer, por este bom e generoso povo brasileiro e principalmente pelos mais necessitados, todo o bem que pretendia.

A mentira, a calúnia, as mais torpes invenções foram geradas pela malignidade de rancorosos e gratuitos inimigos numa publicidade dirigida, sistemática e escandalosa.

Acrescente-se a fraqueza de amigos que não me defenderam nas posições que ocupavam, a felonía de hipócritas e traidores a quem beneficiei com honras e mercês e a insensibilidade moral de sicários que entreguei a justiça, contribuindo todos para criar um falso ambiente na opinião pública do país, contra a minha pessoa.

Se a simples renúncia ao posto a que fui elevado pelo sufrágio do povo me permitisse viver esquecido e tranquilo no chão da Pátria, de bom grado renunciaria. Mas tal renúncia daria apenas ensejo para com mais fúria, perseguir-me e humilharem. Querem destruir-me a qualquer preço. Tornei-me perigoso aos poderosos do dia e as castas privilegiadas. Velho e cansado preferi ir prestar contas ao Senhor, não de crimes que não cometi, mas de poderosos interesses que contrariei, ora porque se opunham aos próprios interesses nacionais, ora porque exploravam, impiedosamente, aos pobres e aos humildes.

Só Deus sabe das minhas amarguras e sofrimentos. Que o sangue dum inocente sirva para aplacar a ira dos fariseus.

Agradeço aos que de perto ou de longe, trouxeram-me o conforto de sua amizade.

A resposta do povo virá mais tarde...

Getúlio Vargas

